Anais de Resumos Expandidos
IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 4 (2020)

"A circulação dá o tom da conversa: espaço para comentários e construção de conhecimento"[1]

The circulation sets the conversation: space for comments and knowledge building

Viviane Borelli

Palavras-chave: Circulação; Midiatização; Comentários; Participação; Conversa.

1 Introdução

A problemática da emergência da circulação e a reconfiguração das relações entre produção e recepção é objeto de reflexão há uma década quando iniciamos pesquisas sobre as interações entre jornais e leitores. Naquele momento, observamos que as mídias criavam espaços para participação com a intenção de dar conta de uma demanda que mais parecia mercadológica do que efetivamente uma disposição em trocar opiniões, posicionamentos ou aceitar que coenunciadores interferissem em seus modos de funcionamento[2].

Posteriormente, para compreender a complexidade constitutiva das mídias, descrevemos como são reguladas as participações e que termos regem os contratos entre as mídias e os participantes de seu sistema social[3]. Dando continuidade a essa etapa da pesquisa, realizamos mais observações em espaços abertos para participação e

[1] Trabalho apresentado ao IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais. PPGCC-Unisinos. São Leopoldo, RS.
[2] Referência à publicação anterior (a ser feita posteriormente, no artigo final).
[3] Idem.

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 4 (2020)

identificamos enunciados que remetem não só concordâncias com os termos e condições de uso, mas também discordâncias. Seguimos investigando a complexidade das relações entre mídias e atores diante da crescente multiplicidade de enunciadores na dinâmica social. Dessa forma, o artigo pretende dialogar com a proposta do seminário "Sapiens midiatizado: a construção social do conhecimento entre interações, meios, circulação e mediações sociais" ao propor observar trocas enunciativas entre atores sociais, mídias e instituições em espaços midiáticos que permitem a participação. Questionamos se diante de tanta intolerância, ódio e desprezo ao outro é possível identificar marcas enunciativas dos participantes desses espaços que resultam de cooperação, trocas, conversas e que remetam à construção social do conhecimento?

Essa reflexão resulta de mais uma fase da pesquisa[4] na qual observaremos enunciações empreendidas nesses espaços abertos pelas mídias e que possibilitam a inscrição de opiniões e ideias que possam se constituir em conversas, trocas de opiniões e de ideias que visam construir determinado conhecimento. Compreendemos que a construção de conhecimento se dá também pela divergência e não apenas pela concordância em determinado assunto ou ponto de vista. Entretanto, para haver construção de conhecimento, deve haver uma predisposição para tal: trocar ideias com quem tem um ideal em comum, mas também com quem pensa de forma diferente; estar aberto ao que o outro pensa e a partir da escuta, ponderar sobre seu próprio ponto de vista; respeitar regras de interação social, entre outros aspectos.

Não só trabalhos científicos, mas também observações empíricas realizadas no âmbito social e que perpassam o senso comum, apontam que as redes sociais digitais

[4] Por se tratar de reflexão que decorre de discussões realizadas no âmbito de um coletivo que é o grupo de pesquisa, opto pela utilização da primeira pessoa no plural para a escrita do texto. Referências à pesquisa serão feitas posteriormente.

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 4 (2020)

estão tomadas por participantes que visam agredir o outro, que demonstram intolerância, incivilidade, racismo, homofobia, misoginia, machismo, entre outros preconceitos. Em 2015, Umberto Eco sentenciou que [5] as redes sociais haviam dado voz a "uma legião de imbecis", que antes falavam apenas na mesa do bar e que não prejudicavam a coletividade. A conversa que antes era travada num âmbito mais restrito e na qual eram expostas opiniões socialmente recriminadas, passa a inflar comunicações ininterruptas também nas redes sociais digitais.

Infelizmente, o pensador italiano estava certo, pois basta passar os olhos rapidamente pelos comentários de qualquer notícia publicada em portais, sites ou redes sociais digitais, como Facebook, Instagram, Twitter para constatar que nesses espaços reinam os xingamentos, as acusações, a polarização política, o desrespeito ao outro. Dessa forma, torna-se necessário um trabalho de observação sistemática nesses espaços midiáticos para poder identificar possíveis episódios comunicacionais em que haja trocas de ideias, conversa e construção de conhecimento.

Ao longo desses anos de pesquisa, vem sendo realizadas observação, posterior descrição e tentativamente são feitas inferências sobre práticas enunciativas produzidas em espaços abertos pelas mídias para comentários a notícias e reportagens. Dessa forma, serão extraídos fragmentos discursivos - matérias significantes para nós, analistas, como define Eliseo Verón[6] de ambientes midiáticos, sejam eles sites de jornais, revistas, portais de notícias ou perfis de mídias em redes sociais digitais. Nosso

[5] Título da matéria publicada pelo Uol é "Redes sociais deram voz a legião de imbecis, diz Umberto Eco" Disponível em: https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/ansa/2015/06/11/redes-sociais-deram-voz-a-legiao-de-imbecis-diz-umberto-eco.jhtm. Consulta em 20 fev. 20.
[6] VERÓN, E. Fragmentos de um tecido. São Leopoldo: UNISINOS, 2004 e La Semiosis Social 2: Ideas, momentos, interpretantes. 1º ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Paidós, 2013.

Anais de Resumos Expandidos
IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 4 (2020)

olhar será delimitado para episódios comunicacionais em que seja possível identificar marcas discursivas que remetam a trocas, cooperação, interlocuções e conversações.

Esse esboço se trata de uma proposta, por isso não serão apresentados nesse momento materiais empíricos, mas indicados apenas algumas referências aos conceitos centrais para a reflexão.

2 Conceitos norteadores

Compreende-se que do ponto de vista estrutural e de funcionamento das mídias, é possível haver trocas de ideias e estabelecer conversas em determinados ambientes, como por exemplo, o mecanismo de resposta do Facebook, no qual seus algoritmos estimulam aos participantes: "entrar na conversa", ao identificar uma postagem polêmica, com muitos likes e interações. Nesse sentido, como defende Van Dijck (2013), as plataformas de comunicação não são neutras, pois acabam moldando a performance dos próprios atos sociais[7]. Sabe-se que a comunicação nas redes sociais digitais é codeterminada pelos padrões e protocolos específicos de cada um de seus dispositivos tecno-simbólicos, por termos de condições de uso e acesso, por processos de moderação a priori ou a posteriori, como refletido em artigo anterior[8].

Entretanto, o fato de a rede social digital - por meio de sua lógica estrutural - permitir a conversação não é garantia de que ela ocorra. A troca entre os participantes é regulada também por motivos de ordem econômica, política, pessoal, institucional, questões muito complexas para darmos conta nessa reflexão. Como concebem Van

[7] Citação indireta. No original: "a platform is a mediator rather than an intermediary: it shapes the performance of social acts instead of merely facilitating them" (p.29). VAN DIJCK, J. The culture of connectivity: A critical history of social media. New York, Oxford University Press, 2013.
[8] Referência à publicação anterior (a ser feita posteriormente, no artigo final).

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 4 (2020)

Dijck, Poell e De Waal (2018), as interfaces, os algoritmos e os protocolos propostos pelas plataformas digitais são alimentados por dados, mas não se trata de uma organização meramente técnica, visto que se constituem em torno de modelos de negócios e que nós, usuários, assinamos os termos de usos[9].

Falando em regulação, é preciso lembrar que as conversações, trocas e interlocuções também são geridas por meio de normas e convenções sociais. Rodrigues (2001, 2015) compreende a conversa de uma forma que abrange todas as práticas interativas do discurso que são reguladas, pois possuem normas e procedimentos que regulam a própria experiência social. Para o autor, a conversa seria uma forma de constituição de vínculos sociais e de sociabilidades. Por esse motivo, ele defende que a análise conversacional deva fazer parte do rol de preocupações de pesquisadores que abordem a prática discursiva.

Para poder entender como ocorrem essas situações de troca e de conversa, recorre-se a Goffman (1999), que descreveu algumas características da ordem social e da interação. Mesmo que o autor tenha se debruçado sobre situações de interação face a face, define que o termo contato designa "[...] toda a ocasião em que um indivíduo está o alcance da resposta de um outro, quer seja pela co-presença física, por ligação telefônica ou por troca de correspondência" (GOFFMAN, 1999, p.206). Para o autor, o importante é olhar e descrever como se constituem as situações de comunicação e, nesse sentido, compreendemos que com o crescente processo de midiatização da sociedade e a

[9] VAN DIJCK, J; POELL, T.; DE WAAL, M. The Platform Society: Public Values in a Connective World. Oxford University Press, 2018.

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 4 (2020)

emergência da circulação justificam um olhar sobre a singularidade das relações construídas em ambientes midiáticos[10].

Para Braga (2017), as redes sociais digitais tem se estabelecido como uma das principais formas de estímulo à conversação, no qual os atores sociais envolvidos desenvolvem "[...] processos mais ou menos reiterados de conexão e de tensionamento entre diferentes tipos de episódios" (BRAGA, 2017, p.44). Para o autor, a circulação produz fluxos sempre adiante e o produto midiático não é, necessariamente, o ponto de partida, podendo se constituir apenas num dos episódios comunicacionais do processo interacional em que os sujeitos participam.

Nesse sentido, compreendemos que os enunciados postados nesses ambientes midiáticos possibilitam a inscrição de ideias e de opiniões que podem se constituir num ponto de partida para outras conversações (não apenas nesse espaço e tempo midiáticos, mas também em ambientes não midiáticos). A partir de um episódio comunicacional, podem ser acionados e criados outros processos interacionais em fluxos ininterruptos dinamizados pela circulação.

Há pelo menos 12 anos, Antonio Fausto Neto tem problematizado as transformações da sociedade, defendendo que ela não está mais centrada nos meios, mas em processualidades que reconfiguram as relações entre os atores sociais e as mídias.

[10] E que não podem ser descolados dos não-midiáticos, pois vivemos numa sociedade em processo de midiatização, o que implica em interrelações, interações, tensionamentos, acoplamentos que caracterizam a extensa atividade de circulação acionada pelo sapiens. Eliseo Verón faz uma interessante distinção entre a semiose social - uma dimensão antropológica da espécie a "capacidade de produção de signos" (p.18) - e a midiatização, a "exteriorização de processos cognitivos". As atividades articuladas, mas que segundo visão do semiólogo, não são a mesma coisa. Pode-se aprofundar em: VERÓN, E. Midiatização, novos regimes de significação, novas práticas analíticas?. In: FERREIRA, Giovandro Marcus; SAMPAIO, Adriano de Oliveira; FAUSTO NETO, Antonio (orgs.). Mídia, discurso e sentido. Salvador: EDUFBA, 2012.

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 4 (2020)

Para ele, passamos de uma sociedade dos meios para a em midiatização. A definição repercute não apenas sobre o modo de funcionamento da sociedade, mas sobretudo sobre sua constitucional estrutural. Essas dinâmicas relacionais de ordem técnica e discursiva reestruturam as próprias lógicas de contato entre os âmbitos da produção e do reconhecimento e resultam em processos que remetem a convergências, mas também a divergências, como destaca Fausto Neto (2016). Há bifurcações, tensionamentos, interpenetrações, acoplamentos, já que a circulação não é mais concebida como um ponto de passagem[11], pois se constitui num ambiente complexo no qual é possível observar e compreender como a sociedade em vias de midiatização realiza suas trocas comunicacionais.

Ainda num estágio inicial de desenvolvimento da internet, Eliseo Verón afirmou que a circulação é caracterizada por bifurcações. Para ele, [...] "a circulação da comunicação é um processo que está afastado do equilíbrio. Como se explica que a difusão cada vez maior das mesmas mensagens não torna a sociedade mais simples, mas mais complexa?" (Verón, 2008, p.149). Para o autor, a circulação discursiva é um dos fenômenos que incide sobre a complexificação da sociedade, visto que ao falarmos de produção e reconhecimento estamos observando lógicas distintas.

Verón (2008) avalia que a divergência no âmbito da recepção acentuou-se a partir dos anos 80. Para problematizar essa relação entre lógicas diferentes, prefere buscar outro conceito que não remeta à ideia negativa de defasagem (VERÓN, 2004), introduzindo a ideia Luhmaniana de acoplamento. As relações entre produção e

[11] FAUSTO NETO, Antonio. As bordas da circulação. Revista ALCEU, v. 10, n. 20, p. 55-69, jan./jun. 2010. Disponível em: <http://revistaalceu.com.puc-rio.br/media/Alceu20_Neto.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2018.

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 4 (2020)

reconhecimento são constituídas por meio de acoplamentos, interações, trocas, concordâncias, discordâncias, difurcações.

Para Verón (2008, p.149), a semiótica e nós pesquisadores devemos superar a visão binária saussuriana entre língua e fala e também a ideia de subjetividade imbricada no sujeito da enunciação: [...] "temos que passar do modelo do "sujeito falante" ao modelo do ator social". Esse é um dos desafios do que intitula ser uma semiótica aberta e que trabalha em outros textos (2007, 2013), remetendo sempre à complexidade da sociedade. Interessante observar a referência que o semiólogo argentino faz à obra do linguista Antoine Culioli, para quem [...] "a linguagem é um sistema deformável e flexível, um processo dinâmico" (VERÓN, 2008, p.150). E é esse processo dinâmico que se constitui justamente numa das atividades cognitivas do *sapiens* e que nos propomos a observar, descrever e inferir sobre suas processualidades e complexidades num ambiente singular que é o espaço aberto a comentários.

Ao nos questionarmos sobre a possibilidade dos espaços abertos pelas mídias para participação serem ambientes em que haja construção de conhecimento, propomos também refletir sobre o conceito de sapiens midiatizado, recorrendo-se a Eliseo Verón[12] e Umberto Eco[13], já falecidos, mas que deixaram uma série de pistas e desafios para seguirmos pesquisando na área da comunicação e da semiótica. Também trazemos para o debate algumas ideias publicadas recentemente pelo historiador israelense Yuval Noah Harari[14] acerca da humanidade e as relações com as emergentes tecnologias.

[12] Além das obras referidas, serão consultadas ainda: La Semiosis Social 2: Ideas, momentos, interpretantes. 1º ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Paidós, 2013 e Teoria da midiatização: uma perspectiva semioantropológica e algumas de suas consequências. Matrizes, USP. Vol.8. N.1, 2014.
[13] ECO, Umberto. Pape Satàn Aleppe: crônicas de uma sociedade líquida. Rio de Janeiro: Record, 2017.
[14] HARARI, Y. N. Sapiens: Uma breve história da humanidade. Porto Alegre: L&PM, 2018 e 21 lições para o século 21. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

Anais de Resumos Expandidos
IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 4 (2020)

REFERÊNCIAS

BRAGA, José. Luiz. Circuitos de Comunicação. In: BRAGA, José Luiz; CALAZANS, Regina; RABELO, Leon et al. **Matrizes interacionais:** a comunicação constrói a sociedade. Campina Grande: EDUEPB, 2017.

FAUSTO NETO, Antonio Da convergência/divergência à interpenetração. In: MIÉGE, Bernard et al. **Operações de midiatização:** das máscaras da convergência às críticas ao tecnodeterminismo. 1. ed. Santa Maria: FACOS UFSM, 2016.

GOFFMAN, E. **Os momentos e os seus homens.** Textos escolhidos e apresentados por Yves Winkin. Lisboa: Relógio d´Água Editores, 1999.

RODRIGUES, Adriano Duarte. **A partitura invisível**: para uma abordagem interactiva da linguagem. Lisboa: Edições Colibri, 2001.

_____. **Princípios reguladores da experiência e da sociabilidade**: regras, normas e constrangimentos. In: Sààgua, João e Cádima, F. Rui. Comunicação e Linguagem: novas convergências – livro de homenagem ao Prof. Adriano Duarte Rodrigues. P. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas Universidade de Lisboa, 2015. P. 405-424.

_____. Do contrato de leitura às mutações na comunicação. MELO, A. L. M.; GOBBI, M. C.; HEBERLÊ, A. L. O. (orgs). **A diáspora comunicacional que se fez Escola Latino-Americana**: as idéias de Eliseo Verón. São Bernardo do Campo: Cátedra Unesco/Metodista; Universidade Metodista de São Paulo, 2008. p. 147-152.